

A LUTA CONTRA O PRECONCEITO EM GRACILIANO RAMOS E ANA MARIA MACHADO

La lucha contra los prejuicios en Graciliano Ramos y Ana Maria Machado

The Fight Against Prejudice in Graciliano Ramos and Ana Maria Machado

Michela GRAZIOSI

Sapienza Università di Roma, Italia
michelagraziosi@gmail.com

RESUMO: Diversamente da maior parte da produção literária do período, Graciliano Ramos, no conto «A Terra dos Meninos Pelados», antecipa, de maneira inovadora, técnicas e processos narrativos, mostrando-se também um hábil precursor em relação ao tema do preconceito, que ganharia um papel ainda mais fundamental na produção literária infantojuvenil brasileira. Comparando os motivos e as técnicas narrativas que conotam o conto do autor alagoano acima referido com os do livro *Raul da Ferrugem Azul*, de Ana Maria Machado, avaliaremos as modalidades através das quais esses dois autores trazem um caráter de novidade para a literatura brasileira e o público mais jovem.

Palavras-chave: literatura infantil; preconceito; Graciliano Ramos; Ana Maria Machado.

RESUMEN: En contra de lo que sucede en la mayor parte de las obras del período, Graciliano Ramos antecipa en «A Terra dos Meninos Pelados» técnicas y procesos narrativos, mostrando también que es un hábil precursor en

relación con el tema de los prejuicios. Comparando los motivos y las técnicas narrativas presentes en el cuento del autor alagoano con los del libro *Raul da Ferrugem Azul*, de Ana Maria Machado, analizaremos las modalidades a través de las cuales esos dos autores aportan novedades en la literatura brasileña para el público más joven.

Palabras clave: literatura infantil; prejuicios; Graciliano Ramos; Ana Maria Machado.

ABSTRACT: Unlike most of the literary production of the period, Graciliano Ramos, in the short story «A Terra dos Meninos Pelados», anticipates, in an innovative way, techniques and narrative processes, also showing himself as a skillful precursor in relation to the theme of prejudice, which would gain an even more fundamental role in Brazilian children's literary production. Comparing the motifs and narrative techniques that connote the tale of the aforementioned author from Alagoas with those of the book *Raul da Ferrugem Azul*, by Ana Maria Machado, we will evaluate the ways in which these two authors bring a novelty to Brazilian literature and the younger audience.

Key words: children's literature; prejudice; Graciliano Ramos; Ana Maria Machado.

Como se sabe, nas primeiras décadas do século xx, no Brasil, a literatura infantojuvenil se inspira em obras similares europeias, caracterizando-se por uma tendência moralizadora e didática. Os livros destinados ao público de pequenos leitores começam a se intensificar sobretudo com o sucesso de Monteiro Lobato, que, em 1921, edita *Narizinho Arrebitado*, reclamando a necessidade de escrever histórias para crianças numa linguagem que possa despertar o interesse delas. Todavia, nos anos seguintes, a literatura infantojuvenil continua a manter uma inclinação educativa, revelando também uma vocação patriótica, numa constante celebração do Brasil através da exploração do patrimônio das histórias e lendas nacionais. Neste panorama ainda conservador, assinala-se ainda o incremento dos escritores que, mesmo não estando diretamente associados à literatura infantojuvenil, produzem textos para crianças e jovens. Entre eles, destacam-se algumas figuras revolucionárias, como o já mencionado Monteiro Lobato e Graciliano Ramos, na medida em que se revelam extraordinariamente criativos: utilizando a imaginação como uma ferramenta de investigação quer da sociedade quer de sentimentos

e atitudes íntimos, estes escritores antecipam notavelmente o direcionamento temático e linguístico que se constituirá como a referência da atual literatura infantojuvenil brasileira. Portanto, através da análise dos motivos, das técnicas narrativas e da linguagem que caracterizam o conto «A Terra dos Meninos Pelados», de Graciliano Ramos, e o livro *Raul da Ferrugem Azul*, de Ana Maria Machado, no presente artigo serão avaliados os pontos de contacto entre os textos e as modalidades de acordo com as quais os autores privilegiam uma abordagem direta de um tema hoje em dia central na literatura mundial, o do preconceito, trazendo, cada um nas respectivas épocas, uma perspectiva inovadora para a literatura brasileira e o público mais jovem.

Referido principalmente como um autor cuja escrita é caracterizada por uma linguagem enxuta e despojada, o nome de Graciliano Ramos está ligado a uma produção literária focalizada numa cuidadosa pesquisa psicológica que, a partir da análise do homem representado num meio social e natural hostil, chega a uma dimensão universal. Nessa perspectiva, torna-se notável a sua produção de livros infantojuvenis, marcada pela mesma concisão da expressão que se encontra na literatura para adultos, através da qual são relatadas as mesmas questões relacionadas com a condição humana, tratadas de acordo com uma visão ao mesmo tempo íntima e social. Após a saída da prisão, em 1937, o autor nordestino escreve «A Terra dos Meninos Pelados», que recebe o Prémio de Literatura Infantil do Ministério da Educação. Em 1944, publica *Histórias de Alexandre*, seguido por *Alexandre e Outros Heróis*, em 1962, coletânea de contos que reúne o livro anterior e a inédita «História da República». Como já foi salientado, no conto «A Terra dos Meninos Pelados», Graciliano Ramos consegue desenvolver meticolosamente o inexplorado tema do preconceito, que se tornará ainda mais fundamental na produção literária infantojuvenil brasileira após as décadas de 1960 e 1970.

O protagonista da história é um menino de nome Raimundo, vítima da derrisão dos seus pares, por ser careca e ter os olhos de cores distintas. A solidão e o sofrimento dele são enormes: não tem amigos com quem falar, portanto conversa sozinho e desenha na calçada o país de Tatipirun, um refúgio da sua imaginação, feito de «coisas estranhas que ele tinha adivinhado, mas nunca tinha visto» (Ramos, 1998: 105). Desde as primeiras linhas do conto, Raimundo é apresentado como «um menino diferente» (1998: 104):

Os vizinhos mangavam dele e gritavam: — Ó pelado! Tanto gritaram que ele se acostumou, achou o apelido certo, deu para se assinar a carvão, nas paredes: Dr. Raimundo Pelado. Era de bom gênio e não se zangava; mas os garotos dos

arredores fugiam ao vê-lo, escondiam-se por detrás das árvores da rua, mudavam a voz e perguntavam que fim tinham levado os cabelos dele. Raimundo entristecia e fechava o olho direito. Quando o aperreavam demais, aborrecia-se, fechava o olho esquerdo. E a cara ficava toda escura. (1998: 104)

Um dia, o pequeno, sem se aperceber, caminhando perto da sua casa consegue chegar à terra de Tatipirun, onde o tempo não passa e todos os meninos que ali habitam partilham as suas mesmas características físicas, vivendo em harmonia. No início do conto, portanto, o autor conduz o protagonista e os leitores a uma dimensão partilhada de sonho feliz e utópico, em que o mundo humano, o natural e o animal coexistem em sintonia, acabando, no final, por deixar apenas uma lembrança vaga da experiência, caracterizada por um subtil processo de reflexão, consciencialização e crescimento interior por parte do protagonista que, antes de ir embora, afirma: «Vou ensinar o caminho da Tatipirun aos meninos da minha terra mas talvez eu mesmo me perca e não acerte mais o caminho» (1998: 131). «A Terra dos Meninos Pelados» não é, de facto, uma das tradicionais histórias exemplares do período que fornecem valores ou indicações comportamentais aos seus leitores e apontam o caminho certo a seguir. Graças ao poder libertador da sua imaginação, o Raimundo consegue fugir do seu cotidiano de intolerância e discriminação e chegar a uma dimensão fantástica criada por ele, acabando, todavia, por querer deixá-la em breve. Mais de uma vez, ao longo da narração, ele constata como Tatipirun é bom e tem já saudades mesmo antes de partir, sublinhando, porém, a necessidade de voltar a casa para estudar a sua lição de geografia:

Este lugar é ótimo, suspirou Raimundo. Mas acho que preciso voltar. Preciso estudar a minha lição de geografia. (1998: 112)

Preciso voltar e estudar a minha lição de geografia, suspirou Raimundo. (1998: 128)

— Não posso, gemeu Raimundo. Eu queria ficar com vocês, mas preciso estudar a minha lição de geografia. (1998: 130)

— Não acho não, seu Tronco. Sei perfeitamente que não acho. Mas tenho obrigações, entende? Preciso estudar a minha lição de geografia. Adeus. (1998: 131)

O projeto autoritário do menino sardento, um habitante desse mundo imaginário – que faz pensar na tensão do momento histórico em que o livro foi escrito e publicado, no começo do Estado Novo – e as reações dos habitantes de Tatipirun perante o discurso da princesa Caralâmpia talvez sejam significativos para tentar investigar as razões que aos poucos levam o Raimundo a partir. Ao ouvir o menino sardento que, não gostando das suas sardas, quer obrigar todos os outros a ter manchas no rosto, o Raimundo se entristece,

lembrando-se dos garotos que o ridicularizam, chegando enfim à conclusão de que viver num mundo onde todos são iguais seria monótono. Quando o nosso protagonista pergunta ao menino sardento se a razão que o leva a planear o projeto está ligada ao facto de ele ser vítima de derrisão por parte dos outros habitantes de Tatipirun, o seu interlocutor responde que eles «não bolem. São muito boas pessoas. Mas se tivessem manchas no rosto, seriam melhores» (1998: 121). Enfim, perante a intromissão da cigarra e da aranha, que consideram um absurdo o plano dele, o menino sardento se expressa por meio de uma fala violenta na qual ressoam fórmulas e tons de imposição e limitação, características de qualquer ditadura. Leiamos uma parte significativa do diálogo referido:

- À-toa nada! Bradou o sardento. Cigarra e aranha não têm voto. Cada macaco no seu galho. Isto é assunto que interessa exclusivamente aos meninos! [...]
- Raimundo esfregou as mãos, constringido, olhou os discos e as teias coloridas que se agitavam.
- Parece que elas têm direito de opinar. São importantes, são umas bichonas.
- Direito de dizer besteiras! Resmungou o sardento.
- Não senhor. A cigarra tem razão. Palavreado à-toa.
- Então, você acha o meu projeto ruim?
- Para falar com franqueza, eu acho. Não presta não. Como é que você vai pintar esses meninos todos?
- Ficava mais certo.
- Ficava nada! Eles não deixam.
- Era bom que fosse tudo igual.
- Não senhor, que a gente não é rapadura. (1998: 121-122)

Logo a seguir, a princesa Caralâmpia conta uma história extravagante, descrevendo os habitantes duma outra terra onde ela se perdeu, tal como o Raimundo, mas alguns dos meninos de Tatipirun, incrédulos e perturbados, acham falsas as palavras dela porque não conseguem acreditar na existência de seres de aspecto físico diferente, exceto a Sira. Vejamos uma parte relevante do episódio em questão:

- Andei numa terra diferente das outras, uma terra onde as árvores crescem com as folhas para baixo e as raízes para cima. As aranhas são do tamanho da gente e as pessoas do tamanho das aranhas. [...] Os guris que eu vi têm duas cabeças, cada uma com quatro olhos, dois na frente e dois atrás.
- Que feiúra! Exclamou Pirencio.
- Não senhor, são muito bonitos. Têm uma boca no peito, cinco braços e uma perna só. [...]
- Preciso voltar, murmurou Raimundo.

O anãozinho chegou-se a ele e soprou-lhe ao ouvido: - Tudo aquilo é mentira. Esta Caralâmpia mente!

Síria agastou-se:

— Mente nada! Porque é que não existem pessoas diferentes de nós? Se há criaturas com duas pernas e uma cabeça, pode haver outras com duas cabeças e uma perna. Este anão é burro. (1998: 129)

Então, perante um mundo idílico parado no tempo, onde não existem doenças e sofrimento e não há nenhuma forma de evolução física e íntima, onde a coexistência harmoniosa chega a ser ameaçada por quem quer forçar o nivelamento das suas pequenas diferenças que não consegue aceitar e por quem acredita possível apenas a existência da própria «normalidade», Raimundo responde a um sentimento de dever que, embora não lhe esteja bem claro («Preciso estudar a minha lição de geografia. [...] Dizem que é necessário. Parece que é necessário. Enfim... não sei», 1998: 130), o chama de volta a uma realidade de estudo (a lição de geografia), desafios e estímulos, numa palavra, de crescimento, cujo processo não é indicado pelo autor. Um crescimento, talvez, nem sempre exemplar, muitas vezes complexo, que leva, na calma da reflexão, à autodeterminação, à compreensão e à aceitação de si mesmo e dos outros. Desde pequenos, o acesso à escola, ao estudo e à cultura, combinado com a partilha de experiências, são fundamentais para nos acostarmos à diversidade: é preciso percebê-la e aceitá-la, a sua e a dos outros, embora às vezes isso passe por um processo doloroso. Neste conto, Graciliano Ramos consegue tratar temáticas fundamentais não só da infância, de uma forma incrivelmente lúcida e atual, mas também das relações humanas em geral, como a discriminação, a equidade social e a liberdade, todas cruciais para a época. Mesmo num texto pensado para crianças, o autor não deixa de denunciar firmemente as injustiças sociais e apresentar um profundo questionamento de valores universais, denotando, assim, uma coerência ideológica notável.

No livro *Raul da Ferrugem Azul*, de Ana Maria Machado, escrito em 1979, na altura da ditadura no Brasil, o pequeno protagonista, tal como o Raimundo, é apresentado repentinamente numa situação habitual de humilhação na escola, da qual se lembra perfeitamente na escuridão e no silêncio do seu quarto, como se estivesse a acontecer naquele momento:

Aquele chato do Márcio veio do quarto-negro, passou junto da carteira dele e disse: Careta! Disse isso como sempre dizia. Meio baixo para o professor não ouvir, meio alto para os colegas ouvirem. Raul já sabia o que vinha depois. As risadinhas dos outros. Os olhares debochados. E a raiva dentro dele. (2003: 9-10)

Quando Raul é até mesmo insultado pelos outros meninos ou se encontra envolvido em situações com outras vítimas de injustiças, não consegue reagir, embora sinta uma profunda raiva que se manifesta no seu corpo através do aparecimento de ferrugens azuis que só ele pode ver. É significativa uma observação racista pronunciada por um companheiro dele, Zeca, ao descrever «um crioulinho mal-encarado, parado na esquina» (2003: 27), que determina uma elaboração profunda no pensamento de Raul, o qual, embora seja consciente do absurdo da afirmação, não é capaz de verbalizar a sua ira:

Na cabeça dele dançavam uns pedaços da conversa: *Os neguinbos todos parados... preto no escuro... um crioulinho mal-encarado...* Porque ninguém falava em branco no claro? Será que um dia ele ia ficar tão azul que as pessoas iam ver e falar num *azulinho mal-encarado*? Será que o menino contava aos amigos o encontro com o Zeca e dizia que desceu do ônibus *um branquinbo de cara invocada*? Mas essas coisas que Raul só pensava e não tinha a coragem de falar. Vontade, bem que tinha. E raiva. Se tinha coisa que deixava ele furioso, essa era uma delas. Isso de achar que a cor das pessoas faz alguém ser melhor ou pior do que os outros. Isso de racismo, de qualquer tipo. Mas com toda a raiva, não disse nada. Medo de que rissem dele. Hábito de não falar das coisas que iam dentro da cabeça. (2003: 27-28)

Não percebendo, todavia, a correlação entre as manchas e a sua raiva e estando muito preocupado, Raul visita o preto velho no morro, de acordo com o conselho da Tita, a sua empregada, esperando ajuda, em vão. O velho sábio, de facto, afirma que não pode fazer nada com as ferrugens do menino, sublinhando que cada um tem de acabar com a própria. Inicialmente, o pequeno protagonista se entristece, não conseguindo perceber a resposta misteriosa, mas, após descobrir que também a Estela, uma menina encontrada no caminho, partilha com ele as mesmas manchas na pele, sente-se um pouco aliviado. Finalmente, no autocarro, de volta para casa, quando uma lavadeira começa a descer devagar, por causa do saco pesado que está a carregar, e o motorista grita com ela dizendo que está com pressa, pela primeira vez o menino levanta a voz para recriminar o homem, entre as palmas de alguns passageiros e as recomendações dos outros, que sublinham a periculosidade de falar e a necessidade de não tratar mal os demais («— Mas é perigoso discutir. Não se meta, não», 2003: 58). Por fim, saindo do autocarro, Raul cumprimenta educadamente o motorista, que lhe responde, estimulando o surgimento de uma profunda reflexão dentro dele:

— Até qualquer dia, seu brigão.

Brigão ele? Nunca o tinham chamado disso. Não brigava, não discutia. Só mesmo essa vez, porque não conseguiu ficar calado, não dava para engolir. [...] Enquanto

esperava o elevador, se olhou no espelho. Para ver se estava com cara de quem matou aula. E teve uma surpresa: a ferrugem do pescoço tinha desaparecido. Abriu a boca, botou a língua de fora. Nem sinal de ferrugem na garganta. Olhou depressa para os braços e as pernas. Lá, ainda havia as manchas azuis. Mas bem mais fracas. E agora ele não se preocupava mais com elas. Sabia que iam sumir. Como é que elas iam sumir era coisa que ele não sabia. Mas iam. Como as da garganta desapareceram depois que ele reclamou no ônibus. Com uso. Afinal, ele não era bicho, sabia falar, tinha vontade, sabia querer, sabia se defender. E defender os outros, quando fosse o caso. Nem precisava se preocupar. (2003: 58)

No final da sua experiência, o nosso protagonista consegue perceber que só denunciando as injustiças, defendendo-se a si mesmo e aos outros, a ferrugem desaparece. Portanto, o tema do preconceito, embora seja aqui representado de forma fantasiosa, através das manchas que simbolizam o não dito e a indiferença que fazem adoecer o corpo e a alma, delinea-se de maneira explícita ao longo da narração. As personagens são perfeitamente realísticas (Raul, um menino bem-comportado da classe média, a jovem empregada Tita, Estela, a garota do morro) assim como os ambientes e as situações de intolerância descritas, absolutamente comuns no cotidiano da autora. De facto, como ela mesmo explica, o estímulo que a leva a escrever o livro nasce de um conjunto de episódios que ocorreram na altura da ditadura: o primeiro experienciado em primeira mão pela escritora, o segundo assistido pelo filho num autocarro. Como jornalista, Ana Maria Machado tinha sido convidada para um encontro entre colegas que podia ter sido uma ocasião de protestos contra a falta de liberdades básicas, como a de reunir-se. Todavia, nenhum dos participantes protestou, levando a autora a se interrogar sobre o inesperado acontecimento: «como podem todos serem considerados entre os maiores jornalistas do país se enferrujaram sua capacidade de reagir?» (2003: 63). Uma situação semelhante acontece ao filho que, depois de voltar para casa, relata um episódio em que, num autocarro, uma pessoa foi chamada de «neguinho» de forma pejorativa, sem que ninguém reclamasse. Leiamos o depoimento da autora:

Comecei a reparar em situações revoltantes em que as pessoas preferiam se calar a reivindicar. Fui juntando as coisas e o livro começou a tomar forma. Quando ficou pronto, teve uma carreira engraçada. Foi rejeitado por oito editoras, que elogiavam a história, mas ponderavam que era uma provocação à ditadura e podia ter consequências sérias para todos. A Salamandra estava começando, levei o texto para eles e foi o início de uma vida de entendimento. Publicaram, o livro ganhou o prêmio de «Melhor do Ano» da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) e saiu vendendo feito pão quente. Até hoje é meu maior sucesso de vendas.

É um livro que desperta paixões. Em geral, o público adora. Mas parte da crítica torceu o nariz, de uma forma que nunca encontrei nem antes nem depois. (2003: 63).

Os pontos de contacto entre as visões dos escritores e os dois textos são numerosos. Mesmo partindo de uma temática extremamente contemporânea como a do *bullying*, tratada de uma maneira delicada e cuidadosa, através de uma narração em terceira pessoa que toma o ponto de vista dos pequenos protagonistas e aprofunda minuciosamente os impulsos e as mudanças dos sentimentos deles, os autores acabam por abordar questões que superam os limites do ambiente infantil, interligadas à liberdade, um tema caro aos dois, que é um valor fundamental da vida e um princípio da democracia. Portanto, ambos os textos resultam incrivelmente atuais e universais, discutindo motivos impactantes como o desafio, a convivência, a aceitação das diferenças, sem sugerir interpretações e comportamentos, porque os escritores acreditam no poder revolucionário da cultura, da reflexão e da empatia, que são também as únicas armas com as quais as mudanças sociais são possíveis em qualquer lugar do mundo. De facto, não são poucas as ocasiões em que Ana Maria Machado sublinha que, ao escrever, ela não quer transmitir mensagens e fornecer lições de vida, mas tenciona propor questões e perplexidades, oferecendo simplesmente os instrumentos para as encarar. Leiamos o que ela afirma, a respeito deste assunto, numa entrevista:

Não acho que, no caso da literatura, tratar de qualquer tema esteja vinculado a uma intenção. Posso garantir que, no meu caso, não é assim que funciona. Minha intenção é expressar perplexidades, dúvidas, perguntas, buscas, encantamento com certos mistérios e com a própria linguagem. Preferencialmente, de modo ambíguo, que dê espaço para o leitor procurar seus próprios caminhos e formular suas hipóteses, sem lhe fornecer respostas prontas. Não quero dar lição a ninguém, mas propor exploração de enigmas. Dar espaço a diversos níveis de leitura, capaz de ser fecunda em sua polissemia e multivocidade. (Machado *et al.*, 2019: 19-20)

E são as dúvidas que, estimulando os nossos dois protagonistas num questionamento contínuo, acompanham o crescimento deles: «- Preciso estudar a minha lição de geografia. [...] Dizem que é necessário. Parece que é necessário. Enfim... não sei.» (Ramos, 1998: 130) afirma Raimundo, assim como Raul, escreve Ana Maria Machado, «sempre tinha conversado com gente grande. E agora também estava crescendo e descobrindo que isso nem sempre valia a pena ou valia? Quem sabe? Raul nunca conseguia encontrar direito as respostas. Quanto mais pensava, mais achava era pergunta» (2003: 23).

Do ponto de vista linguístico, os dois textos se caracterizam pelo emprego constante de diálogos breves e de uma linguagem oral, quotidiana e popular, elementos que no conjunto ajudam na leitura e respeitam a inteligência e a sensibilidade infantis. Mesmo na concisão da expressão, destaca-se, por exemplo, uma notável riqueza de vocabulário: no conto de Graciliano Ramos encontramos vários sinónimos como *mangar* (1998: 104), *debicar* (1998: 111), *fazer troça de* (1998: 111) e *troçar de* (1998: 114); verbos onomatopéicos, como *roncar* (1998: 105), *fonfonar* (1998: 106), *cochichar* (1998: 112), *pipilar* (1998: 113) e um neologismo: *princesência* (1998: 124). No livro de Ana Maria Machado, tal como no conto do autor alagoano, é frequente o emprego de gírias (*pivete*, 2003: 27; *papo*, 2003: 45; *cara*, 2003: 12, 22, 29, 45), termos populares (*bagunça*, 2003: 54, *pirralho*, 2003: 57) e expressões e interjeições típicas da oralidade (*ô*, 2003: 11; *né*, 2003: 33, 36, 51; *sei lá*, 2003: 22, 42; *ô*, 2003: 45; *bem*, 2003: 51; *que diabo*, 2003: 58). No livro de Ana Maria Machado, é também relevante o uso dos diminutivos que, além de serem comuns na linguagem infantil (tabela 1, exemplos 1-4), desenvolvem significados novos em relação aos específicos contextos discursivos e situacionais onde são colocados, de acordo com a vontade expressiva da autora. De facto, eles denotam também um valor emotivo intenso relacionado com o protagonista (exemplo 5), fornecem indicações importantes que determinam, aos poucos, uma compreensão mais aprofundada dele e do texto (exemplo 6) ou exprimem juízos que o levam a um questionamento profundo (exemplos 7-8):

Tabela 1

1.	Foi bem aí que ele olhou para o braço e viu umas <i>manchinbas</i> azuis... (Machado, 2003: 12)
2.	Vocês são mesmo uns covardes, aproveitam que o Beto é <i>pequeninho</i> para roubar a pipa dele. (2003: 40)
3.	«— Tá <i>zangadinha</i> , eh?» (2003: 40)
4.	Mas a menina era <i>enfezadinha</i> . (2003: 41)
5.	Raul já sabia o que vinha depois. As <i>risadinhas</i> dos outros. (2003: 10)
6.	Todo mundo sabia que ele era um menino <i>bonzinho</i> e comportado. (2003: 11)
7.	«— Outro dia eu estava indo para casa da minha avó e quando saltei do ônibus vi um <i>crioulinho</i> mal-encarado...» (2003: 27)
8.	«Os <i>neguinbos</i> todos parados...» (2003: 28)

Nos dois textos, distinguem-se também vários provérbios populares, expressões idiomáticas e expressões populares empregadas para contar histórias de crianças que, no conjunto, conferem aos discursos a vitalidade da linguagem oral e a espontaneidade e a simplicidade da fala dos pequenos leitores (tabela 2):

Tabela 2

«A Terra dos Meninos Pelados»	<i>Raul da Ferrugem Azul</i>
— <i>Estou frito</i> , suspirou o viajante esmorecendo. (1998: 105)	— Ele é bom, também. Como ele sabe muito matemática, ele ajuda a resolver os outros problemas também. [...] Se você quer, pega o caderno e vamos comigo até lá em casa, que ele <i>quebra o galbo</i> . (2003: 22)
— Deixe de tolice, criatura! <i>Você se afogando em pouca água!</i> As crianças estavam brincando. É uma gente boa. (1998: 110)	Enquanto o ônibus corria, Raul ia pensando — e se descobrissem que ele <i>estava matando aula?</i> Nunca tinha feito isso na vida. (2003: 39)
— À-toa nada! bradou o sardento. Cigarra e aranha não têm voto. <i>Cada macaco no seu galbo</i> . Isto é assunto que interessa exclusivamente aos meninos. (2003: 22)	Mas a menina era enfezadinha: — Quem escolhe as minhas brigas sou eu. Um grandalhão ainda disse: — Cala a boca! E ela: — <i>Cala a boca já morreu. Quem manda aqui sou eu.</i> (2003: 41)
— Isso é insuportável, bradou Pirencó. Não tolero conversa fiada, <i>panos mornos</i> . — Nem eu, concordou Talima. <i>Pão pão, queijo queijo</i> . (2003: 127)	— <i>Entrou pelo pé do pato, saiu pelo pé do pinto. Quem quiser que conte cinco.</i> (2003: 61-62)

Finalmente, a dimensão fantástica e os seus elementos simbólicos, através dos quais são discutidas questões que, partindo do ambiente meramente infantil, conseguem chegar a uma dimensão universal, juntamente com as frequentes descrições das emoções dos protagonistas, quer nas nuances mais íntimas, quer nas suas manifestações físicas (o desânimo, o acreditar-se inadequado, a raiva que paralisa), estimulam os leitores a procurarem os seus próprios caminhos e a formularem as suas hipóteses, para que possam descobrir sozinhos que o esforço que leva à autodeterminação é uma necessidade natural

e um dever inalienável, assim como a necessidade e o dever de libertar quem se encontra ao nosso redor, no cotidiano. Porque, na verdade, como escreve o autor italiano Italo Calvino, ao libertar os outros é que conseguimos também nos libertar, coisa que não seria possível fazermos sozinhos.

Referências bibliográficas

- Machado, Ana Maria. (2003). *Raul da Ferrugem Azul* [1979]. São Paulo: Moderna.
- Machado, Ana Maria. (2019). «Entre leitura, literatura infanto-juvenil e linguagens: uma conversa com Ana Maria Machado». *Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S.I.], v. 18, n. 29, 15-26. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/43788>.
- Ramos, Graciliano. (1998). «A Terra dos Meninos Pelados». *Alexandre e outros heróis* [1962]. São Paulo: Editora Record.
- Sampaio Dória, Antonio. (2012). *O Preconceito em Foco: Análise de Obras Literárias Infanto-Juvenis*. São Paulo: Paulinas.